



Mulemba

Revista Angolana de Ciências Sociais

6 (12) | 2016

**Sobre a sociedade e a cultura em Angola e alhures:
algumas reflexões de percepções sobre a realidade e
múltiplas experiências**

«Kiandando... Sabe tudo!»: A mediatização do quotidiano luandense pelo programa *Kiandando* da Rádio Luanda

*«Kiandando... knows everything!»: The mediatization of the Luanda City
everyday life by the program «Kiandando» from Rádio Luanda*

Odílio Fernandes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/mulemba/907>

DOI: 10.4000/mulemba.907

ISSN: 2520-0305

Editora

Edições Pedagogo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Novembro 2016

Paginação: 121-143

ISSN: 2182-6471

Refêrencia eletrónica

Odílio Fernandes, « *«Kiandando... Sabe tudo!»: A mediatização do quotidiano luandense pelo programa *Kiandando* da Rádio Luanda* », *Mulemba* [Online], 6 (12) | 2016, posto online no dia 30 setembro 2018, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/mulemba/907> ; DOI : 10.4000/mulemba.907

«Kiandando... Sabe tudo!»: A media- tização do quotidiano luandense pelo programa *Kiandando* da Rádio Luanda

Odílio Fernandes*

Resumo: Este texto pretende analisar a lógica produtiva do programa *Kiandando*, emitido pela Rádio Luanda que, apresenta os problemas sociais da cidade de Luanda, relatados pelos seus ouvintes, e concomitantemente, estudar as estratégias discursivas utilizadas pelo seu apresentador que, fazendo uso de narrativas do quotidiano do cidadão comum, a quem proporciona um espaço público de denúncia, consegue dar sentido a reivindicações diversas, construindo assim um palco de intervenção, em torno de causas sociais, mediatizadas pelo dispositivo radiofónico. O texto analisa também, a componente educativa do programa *Kiandando*, que se configura na forma de espaços reservados a debates e entrevistas, onde se faz o incentivo à cidadania, e se discute sob uma perspectiva educativa, temas e questões do quotidiano. Do mesmo modo, é providenciado por especialistas competentes, como médicos, juristas, psicólogos, sociólogos e outros, aconselhamento técnico sobre questões relativas ao seu pelouro.

Palavras-Chave: Rádio, mediatização, quotidiano, construção social, educação.

Introdução

Em todas as sociedades a rádio desempenha um papel muito importante na moldagem do pensamento individual e colectivo, incutindo nas pessoas formas diferenciadas de agir e de pensar, e criando e modificando culturas e consciências. Nas interacções sociais quotidianas e na percepção do desenvolvimento das actividades diárias, a rádio é usada como meio de suporte à absorção dessas realidades

* Sociólogo, é investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho (UAN).

pois dela se servem os indivíduos para conhecerem e apreenderem tanto os acontecimentos em que se inserem e participam como os que lhes são alheios, mas com os quais se relacionam. Por meio da rádio, as pessoas tomam contacto com o quotidiano e os eventos que o compõem e a circulação de informação transforma-os em pontos centrais da vida social. O acervo de informações de cada um e de todos é assim, construído, ampliado, modificado e reorganizado pelas possibilidades de recolha oferecidas pela rádio (QUEIROZ 2012: 1).

A rádio, que em Angola é o mais abrangente e popular veículo de comunicação, tem um papel fundamental na divulgação de notícias no país, já que o acesso à comunicação escrita é reduzido pela grande percentagem de cidadãos que não conseguem ler nem escrever, assim como os serviços de televisão, que permitem a esses cidadãos ter acesso à informação pela imagem e pelo som, ainda não cobrem as regiões mais recônditas do país. Luanda, a capital de Angola, uma cidade cosmopolita, habitada por mais de seis milhões de pessoas vindas de todas as províncias e que nela se fixaram ao longo de vários anos, disseminando culturas, hábitos e costumes bastante díspares entre si, é fértil em acontecimentos, pelo que a dinâmica do desenrolar dos factos sociais, propicia a divulgação de notícias. E tendo em conta as dificuldades de acesso a outras formas de comunicação social, a população recorre à rádio para chamar a atenção para os problemas que identificam nas suas comunidades. É assim que, inúmeros cidadãos se servem do programa *Kiandando*, da Rádio Luanda, para narrar factos diferenciados e relatar acontecimentos e situações inusitadas que têm lugar na cidade de Luanda, fazendo ouvir por esse meio, a sua voz discordante e reivindicativa. Esses cidadãos, procuram desse modo no programa, por meio da denúncia, formas de resolução dos problemas que os afligem, pois, duvidam do apoio e da capacidade de resolução das instituições do Estado responsáveis. O alto grau de interacção, interligação e de empatia que existe entre os apresentadores do programa e a população, concedeu-lhe uma elevada popularidade e faz dele um palco permanente de apresentação de factos sociais.

Este artigo surge na sequência da análise sob uma perspectiva sociológica, de apontamentos sistematicamente preparados sobre o conteúdo do programa radiofónico *Kiandando*, apresentado de segunda a sexta-feira na Rádio Luanda, pela manhã, pelo radialista Paulo Miranda Júnior, durante os últimos dois anos. Neste trabalho, ao analisarmos as particularidades do programa que o tornam

singular, argumentamos então, que as estratégias discursivas do seu apresentador, com base nos relatos dos ouvintes sobre acontecimentos e factos registados nas suas áreas de residência, visam desenvolver um processo de mediatização da vida quotidiana da cidade de Luanda, particularmente as suas áreas periféricas. Essa mediatização, transforma assim o programa, num espaço público de denúncia dos problemas sociais que assolam a cidade, a partir do qual, pretende exercer a necessária pressão sobre as estruturas estatais responsáveis pela sua resolução para que apresentem as devidas soluções.

1. O que se entende por quotidiano e a sua relação com a Rádio

Tendo em conta o papel que a vida quotidiana joga na configuração da percepção que tem o indivíduo do mundo que o rodeia, são frequentes os estudos que se servem da temática do quotidiano como forma de melhor se conhecer a sociedade. O quotidiano é assim entendido como *«um espaço de produção de factos sociais, se apresentando, dentro desse contexto, como um campo capaz de tornar públicas questões do privado social»* (QUEIROZ 2012: 6).

A vida quotidiana é, pois, o *«conjunto de reacções, relações, conhecimentos e crenças familiares em cujo seio se desdobra a quotidianidade da existência»* (DEMARTIS 1999: 61) e que se apresenta como *«uma realidade interpretada pelos homens e subjectivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente»* (BERGER e LUCKMAN 2009: 35). É este mundo coerente, esta realidade humana que inclui conflitos, crises, emoções e ansiedades que é estudada pela sociologia, pois o quotidiano *«é o que se passa todos os dias»* (PAIS 2002: 30). Por essa razão, Goffman, a cujo nome está a abordagem sociológica da vida quotidiana estreitamente associada, *«procurou mostrar como os episódios triviais da vida quotidiana, constituíam não um domínio marginal reservado aos curiosos e diletantes, mas uma dimensão central da pesquisa sociológica»* (apud NUNES 1993: 33).

A sua perspectiva de análise incide sobre o modo como se organizam as experiências do quotidiano, usando a metáfora da acção teatral, que defende que os homens em situações de interacção social com os seus semelhantes, gerem as impressões que os outros

têm de si, fazendo recurso a técnicas teatrais, como um actor que representa uma determinada personagem perante um certo público (GOFFMAN 2007). Por sua vez, Lefebvre (1991: 30) também observa, que o estudo da vida quotidiana «*mostra o lugar dos conflitos entre o racional e o irracional na nossa sociedade e na nossa época*» e a «*maneira como é produzida a existência social dos seres humanos*», assim como para si, o conceito de quotidianidade pode ser tomado «*como fio condutor para conhecer a sociedade*».

Por outro lado, Maffesoli (1987: 16) propõe a noção de «*formismo*», que parece «*justamente adequada para descrever os contornos por dentro, os limites e a necessidade das situações e das representações que constituem a vida quotidiana*», defendendo que os acontecimentos sociais apenas existem porque se inserem numa forma, que precisa de ser tratada antes do estudo do objecto. Esta corrente propõe pois, uma maior cientificidade na análise dos problemas sociais, trazendo para o debate aspectos como a teatralidade, a banalidade, e a mediocridade da vida quotidiana, que por norma são superficialmente estudados pela sociologia, privilegiando assim por seu lado, o banal, o insignificante, o microsocial e o instável (QUEIROZ 2012: 6).

Mas uma das características mais evidentes do quotidiano é a rotina, ou seja, a repetitividade de comportamentos, de formas de agir, de pensamentos e de acções sociais e que, determina por sua vez uma alta previsibilidade relativamente não apenas ao próprio comportamento do indivíduo mas como também ao do outro (DE-MARTIS 1999: 62-63). A rotina é, desse modo, o produto de um trabalho com vista a reduzir a esfera do desconhecido e da imprevisibilidade (LALIVE D'EPINAY 1983: 24). De acordo com Maffesoli (1987: 16), «*quanto à vida social, é evidente que a anomalia, ou o que é assim chamado, constitui uma boa parte do quotidiano*», assim como para Lefebvre (1991: 31), o quotidiano «*na sua trivialidade compõe-se de repetições*», que tanto podem ser lineares como cíclicas e, por essa razão, o estudo da actividade criadora quotidiana, «*conduz à análise da reprodução, isto é, às condições em que as actividades produtoras [...], se reproduzem, recomeçam, e retomam as suas relações construtivas, ou pelo contrário, se transformam através de modificações graduais ou saltos*».

A repetição e previsibilidade de acções, estimulam por sua vez respostas automáticas que em conjunto, têm uma grande importância na forma como é estruturado o nosso comportamento e as

nossas permanentes interações com os outros. Se as nossas vidas não fossem organizadas seguindo acções padronizadas de comportamento, eliminaríamos assim qualquer forma de continuidade, o que obrigaria a que as pessoas nas suas interações tivessem que definir os seus termos todas as vezes que se encontrassem.

É assim que as rotinas do dia-a-dia, que determinam interações constantes com outras pessoas estruturam e moldam tudo o que fazemos, pelo que, o seu estudo nos ensina quem nós somos enquanto seres sociais, como se articula a nossa vida social e revela de que maneira os seres humanos agem de forma a moldar a realidade (GIDDENS 2010: 82). Mas é importante notar que com frequência, «*os modos estabelecidos de vida diária habitual são drasticamente abalados ou rompidos*», momentos a que Giddens chama «*situações críticas*», sendo estas então entendidas como «*circunstâncias de disjunção radical do tipo imprevisível, que afectam uma quantidade substancial de indivíduos, situações que ameaçam ou destroem as certezas das rotinas institucionalizadas*» (GIDDENS 2009: 71).

O quotidiano possui desse modo uma relação muito próxima com a rádio, pois os discursos desta são alimentados com fragmentos daquele e a informação veiculada também ajuda a moldar a vida quotidiana por meio da construção e da apresentação dos acontecimentos. Mas a rádio ao retratar o quotidiano precisa de expandir os seus limites de análise para além das suas características mais evidentes, como a rotina e a previsibilidade e obriga-se a transformá-lo num espaço de inovação, imaginação e objectividade.

O quotidiano da rotina, da banalidade, da trivialidade e da repetitividade, não têm lugar no discurso jornalístico da rádio, pois são as «*situações críticas*», as situações insólitas, desconhecidas e desconcertantes que chamam a atenção do ouvinte, aguçam o seu interesse e o cativam. Para a rádio, o quotidiano é constituído por situações reais, factos reais da vida de todos nós que despertam um interesse particular, mais exactamente por serem inusitados, invulgares ou incomuns. O interesse da rádio centra-se assim nas consequências sociais e psicológicas dessas situações anormais e no que essas consequências podem indicar sobre a generalidade da vida social rotineira.

O tratamento do quotidiano é pois uma marca fundamental da rádio que dá desse modo, visibilidade à informação local e como possui também ela um carácter imediato, isso permite que o ouvinte

se inteire dos factos exactamente no momento em que têm lugar. A transmissão de um acontecimento do dia-a-dia ou a cobertura de uma situação real do quotidiano pela rádio, feitas a partir do local do ocorrido, possibilitam uma disseminação acelerada de notícias que rapidamente atingem o ouvinte e lhe permitem o acesso imediato à informação privilegiada e concomitantemente ao julgamento público. O relato dos acontecimentos do quotidiano pela rádio, exalta a vida do povo, a vida das pessoas de rua, pessoas que se divertem, que se apaixonam, que se contradizem, permitindo assim que elas possam falar do que sentem e do que fazem.

2. A construção e a mediatização do quotidiano pela Rádio

A realidade social quotidiana, tal como é vista pelas pessoas, é uma realidade socialmente construída, de acordo com Berger e Luckman, seguindo o conceito por eles criado de «*construção social da realidade*». Para estes autores, a sociedade é simultaneamente uma realidade objectiva e subjectiva, sendo por isso, por um lado, produto da institucionalização das acções e interpretações desenvolvidas por cada indivíduo e, por outro lado, produto da interiorização de padrões culturais e institucionais. Ao longo dos processos sociais, os indivíduos vão construindo a forma como observam a realidade, tendo como base padrões culturais e institucionais pré-existentes, mas ao mesmo tempo vão também construindo ou reconstruindo as relações sociais que criam entre si (BERGER e LUCKMAN 2009; MOLÉNAT 2011; COSTA 1992).

Por meio da rádio também se constrói socialmente a realidade, já que, esta ajuda na construção de formas diversificadas de entender o quotidiano da população. Mas a rádio não mostra imagens, não apresenta realidades visuais, apenas emite sons e por meio da palavra falada, recria as situações que retrata. Por essa razão, possui os elementos necessários e suficientes para dar a cada um a possibilidade de imaginar a realidade quotidiana, criando e recriando uma visão muito particular e individual do mundo. A rádio tem assim «*a magia de permitir verdadeiras viagens no tempo e no espaço sem tirar o ouvinte da sua realidade actual*» (OLIVEIRA 2014: 3). O ouvinte, ao fazer uma construção individualizada das situações que lhe são retratadas, torna-se assim um participante do que é transmitido pela

rádio. Esta, «*sem apresentar qualquer aparato visual*», consegue por isso mesmo «*mexer com a imaginação de cada um, com a realidade de cada um e sua visão do mundo, fazendo de cada receptor um co-autor do que vai no ar*» (BLOIS 1996: 18).

O quotidiano que é relatado pelos profissionais da rádio, é de certa forma editado por eles mesmo e corresponde à sua maneira de ver os acontecimentos, uma visão real que não é compartilhada pelo ouvinte. Este, ao não ter acesso à essa realidade, passa assim a construir imagens únicas, edificando experiências numa interação distante mas contínua e que apesar desse distanciamento, pressupõe participação. Há, desse modo, um envolvimento total do ouvinte em relação à cena relatada porque, a voz do locutor transporta-o para um mundo que ele não vê mas que capta e passa a conhecer e se torna realidade por meio do relato sonoro. As leituras dos ouvintes são, desse modo, capazes de codificar ou mesmo de decodificar as mensagens transmitidas pela rádio fornecendo material para a criação individualizada de imagens sobre o quotidiano, assim como «*abre possibilidades de leituras íntimas e diversificadas*» (BLOIS 1996: 18).

De acordo com Neveu (2005: 103-106), o consumo permanente de informação radiofónica ajuda a construir um ambiente cultural e social que «*formata o mundo por via de interpretações muitas vezes implícitas*». A rádio tem pois, a capacidade de, através da selecção de notícias, produzir uma hierarquização da informação e exercer «*uma influência que não é tanto de modelar os comportamentos, mas mais de definir os temas dignos de atenção colectiva*», funcionando como um filtro que bloqueia «*a cobertura de acontecimentos que não entram nos esquemas preestabelecidos e assim não dispõem de repercussão social*». O material discursivo da rádio encerra em si mesmo, uma forma muito específica e subtil de construção social da realidade quotidiana. Assim agendas e enquadramentos na rádio, dando «*visibilidade aos desafios, contribuem para a criação de referenciais a partir dos quais a opinião pública interpreta os comportamentos*». As imagens sociais criadas pela rádio tornam-se por essa razão, pontos de fixação da opinião pública e surgem associadas à sua capacidade de criar e recriar cenas e factos, numa versão eleita e editada dos acontecimentos relatados, demonstrando ser um perfeito orientador para que cada ouvinte se transforme num construtor individualizado da realidade quotidiana apresentada.

Segundo Bourdieu (1997: 28) os acontecimentos quotidianos relatados pela rádio podem estar cobertos de implicações éticas ou políticas e como tal são capazes de desencadear sentimentos individuais e colectivos fortes, amiúde altamente negativos, como o racismo ou a xenofobia e o simples relato ou menção a determinada situação desse género, por parte dos repórteres radiofónicos, *«implica sempre uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização ou de desmobilização»*. Mas, entretanto, mesmo assim, importa realçar que a capacidade da rádio de *«construção social da realidade é, muitas vezes menosprezada»* (NEVEU 2005: 103). Mas, por outro lado, associada a essa capacidade de construção social da realidade, a rádio tem também uma importância acrescida no processo de mediatização dos factos sociais por si relatados, pois a forma como é visto o mundo hoje em dia é resultado do seu papel fundamental e central na vida quotidiana como fonte de informação e de suporte aos julgamentos sociais.

Sgorla (2009: 62-68) entende a mediatização como *«o processo em que as tecnologias de comunicação imbricam-se no interior das dinâmicas de funcionamento do tecido social»*, afectando e modificando a sociedade contemporânea na qual, o funcionamento das instituições e das práticas sociais *«se estruturam em relação directa com a existência dos meios de comunicação»*, e em que a *«lógica e a cultura desses meios passam a orquestrar o curso de vida em sociedade a partir de uma temporalidade e ideologia singular»*. Para Kroth (2010: 3), a mediatização é um processo de *«amplificação da realidade»*, pois ao ser capaz de dominar as técnicas de transmissão de informação, *«extraí do dia-a-dia acontecimentos localizados e compartilha — apresenta versões narrativas, produção e reprodução de discursos — em uma rede de canais de comunicação, com acesso global às mensagens por parte do receptor»*.

O processo de mediatização dos acontecimentos diários ao ser centralizado pela rádio, questiona desse modo os nossos comportamentos sociais, as nossas vivências, angústias, expectativas, preocupações e conquistas. Por essa razão, a rádio, ao passar a operar como um dispositivo veiculador da mediatização das perspectivas dos indivíduos, força a sociedade a experimentar relações sociais organizadas de acordo com as imposições dos meios de comunicação, o que reforça o seu importante papel de mediatizador da informação quotidiana.

O papel da rádio na mediatização da informação é pois resultado de um movimento social profundo e massivo que questiona as instituições sociais existentes, a importância crescente da informação na vida social e o aumento constante do volume dessa informação a disposição de cada um e de todos e da vontade de fazer uso dela e de participar na sua criação, transformação e disseminação. Como tal, o uso da rádio numa escala cada vez maior e mais intensa ao longo dos anos, permitiu a absoluta mediatização dos acontecimentos quotidianos.

3. O Programa *Kiandando* como espaço público de denúncia

Para Habermas (1986: 61), o conceito de espaço público inclui o processo durante o qual o público, constituído por indivíduos que fazem uso da razão, se apropria da esfera controlada pela autoridade, transformando-a numa esfera onde a crítica se exerce contra o poder do Estado, pelo que, podemos defini-lo politicamente como um espaço de discussão livre da soberania do Estado mas, crítico a seu respeito. Por essa razão, a rádio é de imediato associada ao espaço público pois os cidadãos se interrogam que papel deve ter aquela na consolidação de um espaço onde haja oportunidade para a discussão de questões que ajudem a encontrar o bem comum.

Sendo o espaço público também entendido como «*o conjunto de cenas e palcos mais ou menos institucionalizados onde se debatem as questões do momento*» (NEVEU 2005: 46), a rádio afirma-se como um elemento essencial da sua estrutura e constitui por isso, um canal e filtro essencial para a troca de opiniões que deve nele existir entre os seus agentes políticos, culturais e religiosos. Não deixa de ser evidente que o acesso à mediatização é algo restrito mas, o surgimento e a existência do espaço público, permitem que esse acesso não seja apenas apanágio dos detentores do poder, e permita também aos menos poderosos exprimirem as suas opiniões. E o programa *Kiandando*, funciona então como um verdadeiro espaço público de denúncia dos problemas sociais dos residentes da cidade de Luanda, uma função que desempenha a par das funções de informação, entretenimento e publicidade.

Durante o programa são denunciadas as mais diversas situações anómalas como burlas, fraudes, vigarices e atropelos administrativos

que simultaneamente funcionam também como acções preventivas para que se evite a sua repetição. Pela versatilidade das suas abordagens narrativas, ganhou o programa uma grande aceitação por parte dos ouvintes, cujo grau é principalmente determinado pelo carisma e grande empatia, que liga o seu apresentador Paulo Miranda Júnior aos radio-ouvintes, qualidades essas associadas à notável capacidade do programa de inserção social no quotidiano luandense.

O apresentador e responsável pelo programa faz a sua estruturação com uma equipa de produção e com diversos repórteres que cobrem os principais acontecimentos da cidade que têm lugar durante a sua emissão assim como, de outros que tenham tido lugar em ocasiões recentes. Como resultado da notável performance do seu apresentador, o programa tem uma importante componente de mediação de conflitos entre a população e variadas instituições sociais e políticas. Por meio de práticas discursivas muito particulares, Paulo Miranda Júnior coloca-se no lugar de mediador ou de porta-voz dos que a ele recorrem para buscar soluções para os seus problemas, fazendo a sua mediatização.

Mas é evidente que durante a apresentação do programa, Paulo Miranda Júnior individualiza a conversa para que se transforme ele mesmo no principal responsável pela apresentação das reivindicações dos ouvintes. O radialista mostra muitas vezes uma aberta indignação com os problemas sociais enfrentados pela população, e numa condição de mediador, legitimada tanto por si mesmo como também pelos ouvintes, procura causar identificação com o problema apresentado, transformando o relato do cidadão na condição da própria existência da pluralidade discursiva em jogo, fazendo com que as suas reivindicações tenham eco entre as estruturas responsáveis pela sua resolução. Paulo Miranda Júnior age no programa *Kiandando* como o paladino do homem comum. Dentro do programa, o radialista faz também a divulgação de documentos e objectos perdidos, desaparecimento de pessoas e de animais, roubo de veículos e outros acontecimentos, assim como há espaço para breves serviços noticiosos e informação privilegiada sobre o estado do trânsito nas várias artérias da cidade de Luanda.

No programa *Kiandando* o crime é profusamente tratado, pois é um tema de grande carga dramática e emotiva, que potencia e determina a atenção do público. As histórias de crimes são bastante apelativas da atenção do público pelos elementos de carga sombria e

emotiva de que são compostos, já que revelam o lado mais escuro da natureza humana e traduzem «*movimentos de ruptura com a ordem social, impondo descontinuidades à previsibilidade da vida quotidiana*» (PENEDO 2003b: 89). O programa *Kiandando* ao dar visibilidade ao crime, ao fazer o seu tratamento noticioso, faz alterações profundas na forma como é o mesmo tratado, como é apresentado ao público e como é também tratada a questão da estigmatização e o valor ideológico da notícia sobre uma questão, que envolve a noção de caos e desordem social. Seguindo Penedo (2003b: 89), na sua análise sobre a mediatização do crime, observamos que a exposição pública de crimes se, por um lado, promove o exercício e a aplicação da justiça de uma forma mais ampliada, do que a que poderia estar por diversas razões, reservada às instâncias oficiais que com ela lidam, por outro, pode tornar-se um efectivo elemento de pressão sobre os agentes da justiça e da administração para a resolução dos crimes expostos. Ao fazer a denúncia pública de variados crimes, o programa *Kiandando* realmente cumpre essa função de pressão, dando também simultaneamente expressão e consistência a muitas queixas de suspeição de actividades ilícitas e criminosas. O programa exerce assim o papel de vigia da vida social quotidiana, mas que se distancia das fontes oficiais ao fazer a denúncia das mais variadas irregularidades que deturpam a ordem pública. O programa *Kiandando*, torna-se assim «*o espaço privilegiado onde as vítimas expressam publicamente suas emoções (ódio, vingança, perdão) através de manifestações de sentimento que contrastam com o formalismo burocrático e racional característico da justiça criminal*» (CARVALHO 2009: 10).

Tendo em conta as deficiências e insuficiências registadas na detecção do crime por parte dos serviços oficiais para tal vocacionados, o programa ganha uma importância redobrada na sinalização e denúncia dos acontecimentos sobre os quais há indícios de ilegalidade. Mas é importante notar que a visibilidade mediática contrasta frequentemente com a preservação da vida privada e a denúncia de actividades ilegais estigmatiza quem é citado. Por essa razão, o programa tem tido, em algumas ocasiões, dificuldades em distanciar o dever de informar do direito da preservação do bom nome e de reserva da vida privada, até que a justiça determine realmente a prática do crime denunciado. A divulgação pela rádio de actividades ilícitas por pessoas referenciadas no programa, não apenas para aquelas cuja notoriedade chama a atenção do público, mas

como também para o cidadão comum, que não quer ver o seu nome citado como protagonista de actividades ilegais, evidencia a forma como o programa navega em águas alheias, no campo da averiguação de matéria criminal e mostra a necessidade de ponderação e de aperfeiçoamento de práticas profissionais jornalísticas no domínio da divulgação de informação específica sobre a preservação da vida privada.

Serve também o programa para passar mensagens de cidadania e reserva espaço privilegiado para o aconselhamento sobre determinadas questões particulares como a circulação na estrada e o seu respectivo código, para o qual um convidado residente sabidamente discute questões específicas sobre o assunto em questão. É também aberto um espaço interactivo com os ouvintes sobre os mais variados assuntos, são lidas mensagens emotivas sobre as mais diversas questões, e há um espaço permanente de debate voltado para as reivindicações dos ouvintes que se queixam das condições locais de vida, como aspectos ligados à qualidade da prestação dos serviços de saúde e educação, tanto públicos como privados, ao abastecimento de água e de electricidade, e à deficiência de transportação. É também frequente haver momentos culturais durante os quais são apresentados discos e livros que cobrem as mais diversas áreas do conhecimento, numa ampla oportunidade para que os seus autores divulguem em directo o seu trabalho e apregoem as vantagens da sua compra.

Paulo Miranda Júnior tem portanto, o cuidado de se apresentar como alguém que está do lado dos mais carenciados, dos desaposados e capaz de entender as suas preocupações do dia-a-dia. Mas a sua identificação com o cidadão é lata pois é com o público ouvinte no geral, tratando-o com a necessária deferência, particularizando às vezes homenagens especiais a cidadãos por quem nutre amizade, parabenizando-os inclusive durante o programa, por ocasião dos seus aniversários. O apresentador é hábil em inserir-se no campo receptor dos ouvintes como quando tem a capacidade de reconhecer quase todas as áreas da periferia da cidade de Luanda a que os ouvintes fazem referência aquando dos seus relatos sobre os acontecimentos inusitados que presenciam, ou como quando evidencia as relações privilegiadas que mantém com os responsáveis políticos e administrativos locais. Do mesmo modo, o seu discurso tem uma envolvente messiânica quase profética, quando muitas vezes assegura aos ouvintes em apuros, emocionalmente desgastados, e

desejosos de verem os seus problemas resolvidos, que estes serão seguramente resolvidos, numa visão premoníaca de antecipação do desfecho do acontecimento.

Do mesmo modo, o programa faz também recurso ao serviço de especialistas em direito, medicina, sociologia, psicologia e outras áreas das ciências para comentar acontecimentos relatados ao longo da semana, para esclarecimentos suplementares com abordagem científica. Há mesmo inclusive, um médico que num dia determinado da semana, fala das características de determinadas doenças, dos seus sintomas e causas e dá aconselhamento sobre formas de tratamento e prevenção. A participação destes especialistas legitimados pela ciência, garante rigor e objectividade à análise e permite conhecer melhor os problemas que são tratados. É também importante realçar que a forma incisiva como são relatados os problemas sociais no programa *Kiandando* influencia, por vezes decisivamente, o trabalho e a actividade diária de alguns dirigentes administrativos e políticos locais. Essas chamadas de atenção têm o condão de forçar esses responsáveis, a terem que se pronunciar sobre determinadas situações menos abonatórias denunciadas nas áreas sob sua administração. Por meio do programa, esses dirigentes são obrigados a comparecer junto da rádio ou são contactados pela mesma, para fazer intervenções e apresentar explicações tendo assim que prestar contas da actividade desenvolvida, submetendo-se por essa razão, a uma verificação constante dos seus actos administrativos por parte dos municípios.

O programa é, pois, capaz de por meio da reprodução das reivindicações dos cidadãos, fazer a necessária pressão sobre os poderes públicos para a resolução de problemas sociais que, sem essa pressão, poderiam provavelmente, levar muito mais tempo a ser resolvidos. Ao fazer eco dessas reivindicações, o programa pode transformar um pequeno problema, sem solução imediata, secundário e localizado numa área específica, num problema prioritário e por vezes dar-lhe dimensão nacional. Tais intervenções transformam o programa *Kiandando* num verdadeiro palco de denúncia dos problemas sociais da cidade de Luanda e fá-lo participar activamente na construção do acontecimento quotidiano luandense.

Por sua vez, o trabalho dos repórteres de campo do programa, que actuam principalmente nos subúrbios de Luanda, mostram uma forma de reportagem de rádio que se desloca ao local onde o acontecimento ocorre, capta testemunhos e reflecte o real através de

extractos da vida dos residentes, valorizando o aspecto emocional da narração e interligando as suas componentes descritiva e analítica. Estes repórteres expõem experiências vividas onde se misturam o trágico e o anedótico, facetas ocultas da sociedade periférica da cidade de Luanda e colocam as pessoas a falar perante os microfones, dos sentimentos vividos e das suas dificuldades diárias, relatando casos como estupros, violações, raptos, incestos, violência doméstica e outras formas diversas de crimes que têm lugar no quotidiano luandense. Diante dos microfones dos repórteres, o cidadão desconhecido tem a oportunidade de falar da sua verdadeira vida, dos seus sofrimentos e dificuldades, mas por vezes também, das suas felicidades e alegrias, numa forma mascarada de terapia auditiva, que dá voz aos anónimos.

Mas do mesmo modo, estes repórteres mostram a forma como o enquadramento dos acontecimentos quotidianos luandenses se não for devidamente analisado, pode ilustrar uma visão redutora e preconcebida da vida social na periferia da cidade. Esse mundo periférico, resultante de causas complexas como desemprego, desestruturação familiar, com problemas estruturantes de acesso, de insuficiência de serviços de saúde e de ensino, de transportação, de fornecimento de água e electricidade, de políticas desacertadas de promoção social e outras, criam tensões que a rádio não pode de forma alguma explicar de maneira simplista para que os moradores não sejam estigmatizados pelas reportagens que são feitas nos seus bairros. E acontece muitas vezes que como resultado da necessidade de relatar rapidamente sobre o acontecimento, há um recurso frequente a interpretações simplificadas que acabam por mostrar uma visão apocalíptica da vida social nas zonas periféricas, onde se mostra um mundo completamente desligado da ordem estabelecida.

O trabalho do repórter como é por vezes pouco demorado e a recolha de testemunhos é obtida de forma rápida e sucinta, essas limitações têm como resultado, uma visão das áreas periféricas de Luanda, de certa forma redutora. Por outro lado, há a questão das fontes de informação de que se servem os repórteres de campo que, ao não terem sido bem geridas, podem ter dado lugar, em certas alturas a mal-entendidos. A informação colhida junto da população nem sempre é segura e comprovada, pois muitas vezes os interessados na divulgação de informação deturpada, dissimulam a realidade dos factos e tentam manipular os repórteres enviando-lhes informações falsas ou truncadas, já que, nem sempre as pessoas que

ligam para o programa a denunciar situações anómalas têm o domínio da verdade dos acontecimentos.

Em função da característica particular do programa de ser difundido em directo, a informação é recolhida «*a quente*» e instantaneamente disseminada, sem que a sua fiabilidade possa ser de imediato comprovada. Nesse caso, o repórter não tem tempo para verificar e confirmar a exactidão dos factos podendo assim cair na armadilha do rumor, tornando-se num vector de desinformação, algo que é fundamental evitar, tendo em conta os efeitos nefastos que pode produzir junto do público ouvinte, já que, a empatia que tem o programa com este, dá à informação por si veiculada, uma credibilidade suplementar uma vez que tudo aquilo que é por ele anunciado «*adquire rapidamente um estatuto de verdade*» (RIEFFEL 2003: 77). E a prática tem demonstrado, que em alguns momentos, se verificaram situações dessa natureza no decorrer da apresentação do programa, pelo que, o contraditório, o direito de resposta que assiste a todos e a análise e a apreciação aprofundada da veracidade da informação veiculada, atempadamente realizadas pela sua coordenação, têm permitido a esta retratar-se e repôr a verdade antes estropiada.

Entretanto, o programa também faz uso frequente de informação obtida em primeira mão, junto da polícia nacional, por ser considerada como uma fonte particularmente credível «*devido à sua representatividade e ao seu estatuto institucional*» (NEVEU 2005: 72), e a quem é entregue o monopólio da legitimidade da informação, uma vez que as suas acções e opiniões têm peso oficial. O programa procura em muitos casos, primeiramente, a notícia junto da polícia nacional que detém o poder de definir e enquadrar a situação, criando assim, um «quadro da situação» que acaba por ser adoptado. Nestes casos, a informação prestada pelas fontes menos credíveis como os cidadãos anónimos, têm pouco peso perante a informação policial e os seus argumentos para contrapor a definição do problema estabelecido pela polícia, perdem força e ganham marginalidade.

Conclusões

O quotidiano entendido como o que se passa todos os dias, é apresentado nas suas mais variadas facetas sociais pelo programa

Kiandando da Rádio Luanda que dele se alimenta e é por ele apoiado na construção social da realidade. O programa ganhou lugar cativo na vida dos luandenses pelo seu marcante serviço de utilidade pública, pelo seu papel social integrador e propiciador da inclusão e por se ter tornado um agente comunitário e um porta-voz dos que não têm voz na cidade de Luanda. O programa permite ao cidadão comum de Luanda falar das suas angústias, medos e desgraças, assim como também lhe concede a oportunidade para denunciar actividades ilícitas. Por essas razões, o programa funciona fundamentalmente como um espaço público de denúncia dos problemas sociais dos residentes, principalmente das áreas periféricas de Luanda, mas também divulga informação diversa e variada sobre a sua vida quotidiana, criando áreas de interesse para o cidadão comum, oferecendo concomitantemente diversão, informação diferenciada e eliminando situações de conflito. Em suma, o programa funciona indubitavelmente, como um espaço de comunicação que amplifica o sujeito isolado e lhe concede oportunidades para actos de denúncia, de reivindicação, de apelo e até mesmo de agradecimento. Muito por causa do seu apresentador Paulo Miranda Júnior, indubitavelmente um formador de opinião que, pelo seu carisma, desenvolveu uma elevada empatia e interacção com os ouvintes, ao levar os problemas sociais apresentados até aos responsáveis pela sua resolução e com eles discutir prováveis soluções, o programa tornou-se um lugar de negociação com o intuito de construir um sistema de cumplicidade com o ouvinte.

Como se entende do facto de as emissoras de rádio deverem actuar com o objectivo de educar, o programa *Kiandando* possui assim um imenso poder educativo que apesar de ser obviamente muito difícil de quantificar de forma explícita, a contribuição que dá à educação, é sem dúvida alguma, bastante grande. A expressão educativa do programa é configurada nos espaços que são reservados ao incentivo da cidadania e da valorização e preservação dos valores culturais nacionais (NOGUEIRA 2010: 5), assim como também no aconselhamento sobre assuntos jurídicos, questões de natureza médica e nutricional, e aspectos ligados à vida social discutidos sob o ponto de vista sociológico e psicológico, providenciados por especialistas abalizados nos assuntos em questão.

Os debates e entrevistas promovidos pelo programa, sobre temas e questões do quotidiano, numa abordagem educativa para o público, são uma forte afirmação da sua função educativa. Do mesmo

modo, o programa ao incentivar a discussão de problemas sociais conserva fins educativos, pois, permite a criação de consciência política e a adopção de uma atitude crítica por parte do cidadão comum. Numa cidade em que a rádio se afirma como um potente meio de difusão massiva da informação, o programa *Kiandando* constitui por essa razão, uma manifestação sonora da realidade quotidiana e um convincente instrumento educativo. As diversas abordagens do programa sobre as mais diferentes questões do domínio das ciências, são realizações expressivas da sua componente educativa, que consegue também abranger aspectos particulares da nossa cultura e apoiar a construção da cidadania. Os fins educativos do programa *Kiandando* mostram assim, que ele pode ser eficaz, eficiente e democrático e capaz de garantir uma aprendizagem construtiva de modo colectivo e abrangente.

Referências Bibliográficas

ARAUJO Ed Wilson Ferreira

2014, «O Rádio tece a cidade: Cotidiano e ouvintes nos programas jornalísticos de emissoras AM em São Luís», *Artefactum — Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*, Ano VI, n.º 2, pp. 14-24.

BERGER Peter e LUCKMANN Thomas

2009, *A construção social da realidade*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Editora Vozes.

BLOIS Marlene

1996, «O rádio nosso de cada dia», *Revista Comunicação & Educação*, Ano 20, n.º 6, pp. 1-21.

1993, «Rádios educativas: Caminhando contra o vento», *Tecnologia Educacional*, Ano V, n.º 22, pp. 113-124.

2004, «Rádio educativo: Uma escola de vida e cidadania», in André Barbosa Filho; Ângelo Piovesan e Rosana Beneton (Orgs.), *Rádio: Sintonia do futuro*. São Paulo, Edições Paulinas, pp. 147-176.

BOURDIEU Pierre

2010, *A distinção. Uma crítica social da faculdade do juízo*. Tradução de Pedro Elói. Lisboa, Edições 70.

2003, *Questões de Sociologia*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa, Editora Fim de Século.

1997, *Sobre a televisão*, seguido de *A influência do jornalismo e os jogos olímpicos*. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

BRETON Philippe e PROULX Serge
2011 (3.^a edição), *Sociologia da Comunicação*. Tradução Ana Paula Castellani. São Paulo, Edições Loyola.

CAFUSSA Alberto Colino
2012, *Tendência de voto do eleitor angolano nas eleições legislativas de 2008*. Prefácio de Paulo de Carvalho. Luanda, Kilombelombe [«Temas & Debates»; 2].

CAMPENHOUDT Luc Van
2003, *Introdução à análise dos fenómenos sociais*. Tradução de Eduardo de Freitas e revisão de Manuel Joaquim Vieira. Lisboa, Gradiva [«Trajectos»].

CARVALHO Jr. Orlando Lira
2009, *Mídia e criminalidade no Brasil. Actas do 1 Seminário Nacional de Sociologia & Política*. Edição da Universidade Federal do Paraná.

CARVALHO Paulo de
2010, *A campanha eleitoral de 2008 na imprensa de Luanda*. Prefácio de Víctor Kajibanga. Luanda, Kilombelombe [«Temas & Debates»; 1].

CAVALCANTI Lidianie de Souza
2010, *Mídia na educação: O rádio no processo educativo*. Arapiraca, UFAL — Universidade Federal de Alagoas; CEDU — Centro de Educação [Pesquisa em Educação: Desenvolvimento, Ética e Responsabilidade Social].

COELHO Cláudio Novaes Pinto e CASTRO José Valdir de (orgs.)
2006, *Comunicação e sociedade do espetáculo*. São Paulo, Editora Paulus.

COHEN Stanley
1972, *Folk devils and moral panics*. Londres, Routledge.

COSTA António
1992, *O que é Sociologia*. Lisboa, Editora Difusão Cultural.

DEMARTIS Lucia
1999, *Compêndio de Sociologia*. Lisboa, Edições 70.

D'EPINAY Christian Lalive
1983, «La vie quotidienne: Essai de construction d'un concept sociologique et anthropologique», *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Vol. LXXIV, Janvier-Juin, pp. 13-38.

DORES António Pedro
2013, «A análise jornalística torna irreconhecível a densidade da vida», *RAS — Revista Angolana de Sociologia* (Luanda), vol. 11, n.º 6, pp. 35-50.

- FILHO André Barbosa; PIOVESAN Ângelo; BENETON Rosana (orgs.)
2004, *Rádio: Sintonia do futuro*. São Paulo, Edições Paulinas.
- GIDDENS Anthony
2009, *A constituição da sociedade*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Editora Martins Fontes.
2010, *Sociologia*. Tradução de Alexandra Figueiredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Catarina Lorga da Silva, Patrícia Matos e Vasco Gil; coordenação e revisão científica de José Manuel Sobral. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOFFMAN Erving
2007, *A representação do Eu na vida cotidiana*. Tradução de Gentil A. Tiffon. Petrópolis, Editora Vozes.
1974, *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. Foreword by Bennett M. Berger. Boston, Northeastern University Press.
- GUARESCHI Pedrinho e VERÍSSIMO Marília Veronese
2007, *Psicologia do quotidiano: Representações sociais em acção*. Petrópolis, Editora Vozes.
- HABERMAS Jurgen
1986, *L'espace public: Archéologie de la publicité comme dimension constitutive de la société bourgeoise*. Paris, Payot.
- JUNIOR Luiz Costa Pereira
2006, *A apuração da notícia: Métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis, Editora Vozes.
- KARP David & YOELS William
1986, *Sociology and everyday life*. Itaca, Illinois, Peacock Publishers, Inc.
- KROTH Maicon Elias
2010, *Contratos de leitura: Narrativas do cotidiano como estratégia de captura da recepção no rádio*. São Leopoldo, Edição da Universidade do Vale do Rio dos Sinos; ver também in Biblioteca on line de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1877>
2012, «A mediação do social no rádio: das estratégias discursivas do actor à estruturação de uma rede», *Actas do I Colóquio de Semiótica das Mídias*. Recife, Edição da Universidade Federal de Pernambuco.
- LACOMBE Marcelo S. Masset
2008, «Os fundamentos marxistas de uma sociologia do quotidiano», *Revista Outubro*, vol. 17, n.º 6, pp. 145-172.

LAGO Cláudia e BENETTI Marcia

2010, *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis, Editora Vozes.

LALIVE D'EPINAY Christian, ver D'EPINAY Christian Lalive, *supra*

LEFEBVRE Henri

1991, *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo, Editora Ática.

MAFFESOLI Michel

1987, *O conhecimento do cotidiano: Para uma sociologia da compreensão*. Tradução de José Lamy. Lisboa, Vega [«Universidade»].

MARTINS Gonçalo

2007, *Influência da comunicação social na opinião pública*. Tomar, Instituto Politécnico de Tomar.

MELO José Marques de

2004, *A esfinge midiática*. São Paulo, Editora Paulus.

MIÈGE Bernard

2009, *A sociedade tecida pela comunicação: Técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social*. Tradução de Viviane Possamai. São Paulo, Editora Paulus.

MOLÉNAT Xavier (coord.)

2011, *Sociologia: História, ideias, correntes*. Tradução de Naria da Conceição Nobre. Lisboa, Edições Texto & Grafia [«Synopsis manuais»].

NEVEU Érik

2005, *Sociologia do Jornalismo*. Coordenação de Joaquim Fidalgo e Manuel Pinto. Porto, Porto Editora [«Comunicação»].

NETTO J. Teixeira Coelho

2010, *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo, Editora Perspectiva.

NISBETT Richard & ROSS Lee

1980, *Human inference: Strategies and shortcomings of social judgement*. Englewood Cliffs, N.J., Prentice-Hall, Inc.

NOGUEIRA Agnelo Adriano de Jesus

2010, *A função social da Rádio Luanda: Os programas Kiandando e Viva a Noite. Monografia*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

NUNES João Arriscado

1993, «Erving Goffman, a análise de quadros e a sociologia da vida quotidiana», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Ano 37, n.º 6, pp. 33-49.

OLIVEIRA Edilene M. Mendes de e BARBOSA Walmir de Albuquerque
2014, *O cotidiano e o rádio: Reflexões sobre o rádio amazonense*. Manaus, Edição da Intercom — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 13p. [Trabalho apresentado na DT 05 — Rádio, TV e Internet do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte — Belém — PA, 01 a 03 de Maio de 2014].

PAIS José Machado
2002, *Sociologia da vida quotidiana*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

PAIS José Machado; CARVALHO Clara e GUSMÃO Neusa Mendes
2008, *O visual e o quotidiano*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

PENEDO Cristina Carmona
2003a, *O crime nos media: O que nos dizem as notícias quando nos falam de crime*. Lisboa, Livros Horizonte.
2003b, «O crime nos media. Impacto e valor simbólico das histórias transgressivas», *Revista Media & Jornalismo*, n.º 3, pp. 89-102.

PIOVESAN Ângelo
2004, «Rádio e educação: Uma integração prazerosa», in André Barbosa Filho; Ângelo Piovesan e Rosana Beneton (orgs.), *Rádio: Sintonia do futuro*. São Paulo, Edições Paulinas.

QUEIROZ Poliana
2012, «Cotidiano e formas sociais: Por uma metodologia de análise do jornalismo», in *Actas do 5.º Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação*. Niterói, RJ, Edição da Universidade Federal Fluminense.

RIEFFEL Rémy
2003, *Sociologia dos Media*. Porto, Porto Editora [«Comunicação»].

RODRIGUES Aroldo; ASSMAR Eveline Maria Leal e JABLONSKI Bernardo
2013, *Psicologia Social*. Petrópolis, Editora Vozes.

RODRIGUES Adriano Duarte
1990, *Estratégias da comunicação*. Lisboa, Editorial Presença.

RÜDIGER Francisco
2011, *As teorias da comunicação*. Porto Alegre, Editora Artmed, S.A.

SANTOS Maria Adelaide e SILVA Sandra Regina
2011, *Mídia na educação: Contribuições para a utilização do rádio no contexto escolar*. Arapiraca, UFAL — Universidade Federal

de Alagoas; CEDU — Centro de Educação [Pesquisa em Educação: Desenvolvimento, Ética e Responsabilidade Social].

SEPAC — SERVIÇO PASTORAL DA COMUNICAÇÃO

2012, *Rádio: A arte de falar e ouvir, laboratório*. São Paulo, Edições Paulinas; Serviço Pastoral da Comunicação.

SGORLA Fabiane

2009, «Discutindo o “processo de mediação”». *Revista Mediação*, vol. 9, n.º 8, pp. 59-68.

SILVA Fabiano P.

2009, «A juventude nas ondas do rádio: Identidades atravessadas pelo cotidiano de uma rádio comunitária», *Revista Electrónica Temática*, Ano V, n.º 4, pp. 1-10.

TÓFOLI Luciene

2008, *Ética no Jornalismo*. Petrópolis, Editora Vozes.

WOLF Mauro

2009, *Teorias da comunicação*. Lisboa, Editorial Presença.

Recepção do manuscrito: 10/11/2016

Conclusão da revisão: 16/12/2016

Aceite para publicação: 29/12/2016

Title: «Kiandando... knows everything!»: The mediatization of the Luanda City everyday life by the program «Kiandando» from Rádio Luanda.

Abstract: This text intends to analyze program Kiandando' productive logic transmitted by the Radio Luanda, which presents the social problems of the Luanda City, presented by their listeners, and simultaneously, to study the discursive strategies used by its presenter who, making use of everyday narratives from the normal citizenship, to whom create a public space for denunciation, is able to give sense to several claims, building as such a stage for intervention around social causes, mediatized by the radio. The text analyzes too, the educative component of the Kiandando program, which is shaped on the form of spaces reserved to debates and interviews where is made the incentive to citizenship and is discussed under an educative perspective, themes and debates on everyday life, as well as, is provided by competent experts like medical doctors, attorneys, psychologists, sociologists and others, technical advice on issues related to their professions.

Keywords: Radio, mediatization, everyday life, social construction, education.

Odílio Fernandes

Sociólogo, possui o grau académico de Mestre em Sociologia Rural (Master of Science, msc) obtido na Universidade de Missouri, Columbia, Estados Unidos da América (EUA). É actualmente Assistente de In-

investigação no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN), tendo como áreas de investigação de eleição a Sociologia rural, a Sociologia da religião, a Sociologia histórica, a Sociologia dos conflitos e a Sociologia do quotidiano. É *referee* das edições da *Revista Ciência e Tecnologia*, do Ministério da Ciência e Tecnologia. Publicou a obra *As Rotas da Incompreensão: Uma análise histórico-sociológica do mundo social Ndongo a partir de textos europeus dos séculos XVI e XVII* (Luanda, Kilombelombe, 2014 [«Ciências Humanas e Sociais»: Série História de Angola; 12]; «Sentido e poder em Georges Balandier: A antecipação de sentir o poder dos sistemas sociais», *Mulemba — Revista Angolana de Ciências Sociais* (Luanda), vol. IV, Maio de 2014, pp. 497-504; «A mayombola como arte sobrenatural de enriquecimento: Considerações sobre a mercantilização do oculto», *Mulemba — Revista Angolana de Ciências Sociais* (Luanda), vol. V, Maio de 2015, pp. 101-128.

[e-mail: odiliotfernandes@hotmail.com].